



IX CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

Portugal, território de territórios

ÁREA TEMÁTICA: Turismo e Lazer [AT]

“VIAGENS NA MINHA TERRA”. NOTAS SOBRE MOBILIDADES, MATERIALIDADES E SENTIDOS DO VFR

COSTA, Rosalina Pisco

Universidade de Évora, rosalina@uevora.pt

Resumo

Por todo o mundo, viajar para visitar familiares e amigos (VFR, *Visiting Friends and Relatives*) constitui um fenómeno social total que envolve anualmente milhares de pessoas, quilómetros e euros. Portugal, território de territórios aquém e além-fronteiras, não constitui excepção. Por um lado, no espaço geográfico do país, migrações internas obrigam a mobilidades mais ou menos frequentes e ou pronunciadas entre norte e sul, interior e litoral ou continente e ilhas. Por outro lado, e à escala global, a forte tradição de e/imigração, associada a uma Diáspora numerosa e dispersa, adensa, complexifica e alarga o fenómeno para domínios de reflexão e acção diversa, como seja o das famílias transnacionais, o turismo genealógico ou de raízes. Este texto explora pontes de diálogo e cruzamento entre os estudos da família, do turismo e do lazer, tendo em vista a compreensão mais aprofundada da experiência por detrás da visita a familiares e amigos. Metodologicamente, apoia-se na apresentação e análise de estatísticas oficiais, as quais são posteriormente interpeladas a partir de recolha empírica realizada pela autora. No final, espera-se que esta reflexão possa servir para estimular o debate em torno das mobilidades suscitadas pela visita a familiares e amigos e, ao mesmo tempo, contribuir para dar mais visibilidade a um fenómeno frequentemente sub-representado na literatura e investigação sociológicas em geral, e no território português em particular.

Abstract

All over the world, traveling to visit friends and relatives (VFR) is a social phenomenon annually involving thousands of people, miles and money. Portugal, territory of territories within and across borders, constitute no exception. On the one hand, within the geographical area of the country, internal migration forces mobilities more or less frequent and pronounced between the north, south, inland, coastal, mainland and Portuguese islands. On the other, at a global scale, the strong tradition of both emigration and immigration, associated with a large and dispersed Diaspora, thickens, complicates and extends the phenomenon to diverse domains of both action and reflection, namely the transnational families, genealogical or roots' tourism. This text explores bridges between family, tourism and leisure studies, with a view to understand the experience behind the visit to friends and relatives. Methodologically, it is anchored on the presentation and analysis of official statistics, then challenged by empirical data collected by the author on previous work. By the end, it is expected this discussion stimulates broad discussion around mobilities raised by the act of visiting friends and relatives and, at the same time, contribute to increase visibility of a phenomenon often underrepresented in literature and sociological research, particularly in Portugal.

Palavras-chave: Família, Mobilidades; Turismo; Viagem; VFR

Keywords: Family; Mobilities; Tourism; Travel; VFR

[COM0514]

Nota Introdutória

Por todo o mundo, viajar para visitar familiares e amigos (VFR, *Visiting Friends and Relatives*) constitui um fenómeno social total que envolve anualmente milhares de pessoas, quilómetros e euros. Portugal, território de territórios aquém e além-fronteiras, não constitui excepção. Por um lado, no espaço geográfico do país, migrações internas obrigam a mobilidades mais ou menos frequentes e ou pronunciadas entre norte e sul, interior e litoral ou continente e ilhas. Por outro lado, e à escala global, a forte tradição de e/imigração, associada a uma Diáspora numerosa e dispersa, adensa, complexifica e alarga o fenómeno para domínios de reflexão e acção diversa, como seja o das famílias transnacionais, o turismo genealógico ou de raízes.

As viagens por motivos familiares são não apenas uma importante motivação para o turismo actual (Jackson, 1990; Janta, Cohen & Williams, 2015), como se espera que nos próximos anos continue a crescer (Schänzel & Yeoman, 2015). Embora não exclusivamente, as férias de Verão e a época de Natal constituem os espaços-tempo icónicos da visita a familiares e amigos. Rituais familiares por excelência, estes momentos considerados especiais nos calendários das famílias enformam a construção social desta experiência específica de mobilidades e, eventualmente, turismo: ao mesmo tempo que distinguem e definem os vários protagonistas envolvidos como anfitriões ou convidados, envolvem-nos numa trama complexa de mobilidades, materialidades, sentidos, emoções, memórias e imaginário.

Através de uma abordagem criativa e inovadora, este texto explora pontes de diálogo e cruzamento entre os estudos da família, do turismo e do lazer, tendo em vista a compreensão mais aprofundada da experiência por detrás da visita a familiares e amigos. Metodologicamente, apoia-se na apresentação e análise de estatísticas oficiais, as quais são posteriormente interpeladas a partir de recolha empírica realizada pela autora (Costa, 2011). No final, espera-se que esta reflexão possa servir para estimular o debate em torno das mobilidades, da viagem ou do turismo, suas motivações e experiências e, ao mesmo tempo, contribuir para dar mais visibilidade a um fenómeno frequentemente sub-representado na literatura e investigação sociológicas em geral, e no território português em particular.

A estatística e os grandes números do VFR

À escala global, as mobilidades suscitadas por razões familiares são uma importante e ainda pouco estudada motivação para viajar (Jackson, 1990; Janta, Cohen & Williams, 2015; Schänzel & Yeoman, 2015). Em Portugal, a visita a familiares e amigos é também um móbil importante, como podemos constatar da análise ao último volume das *Estatísticas de Turismo*, disponíveis à data do IX Congresso Português de Sociologia (referentes a 2014, publicadas em 2015)¹.

De acordo com o *Inquérito às Deslocações dos Residentes (IDR)*², em 2014, cerca de 4,14 milhões de residentes em Portugal, 39,8% da população residente, efectuaram pelo menos uma viagem turística, ou seja, uma deslocação para fora do ambiente/residência habitual com pernoita mínima de uma noite, valor que significou um acréscimo de 3,9% face a 2013. A maior parte das viagens efectuadas em 2014 teve como destino o próprio país. Efectivamente, a proporção dos residentes que efectuaram viagens turísticas (unicamente) em Portugal perfaz 30,7%, enquanto os residentes que viajaram (somente) para o estrangeiro representaram 3,2% da população. No conjunto, a população residente que ao longo de 2014 realizou tanto viagens domésticas como para o estrangeiro situou-se em 6,0%. Os principais motivos que levaram os residentes a viajar foram: “Lazer, recreio ou férias” (c. de 2,8 milhões de residentes, 26,8% da população residente), “Visita a familiares ou amigos” (c. de 2,1 milhões de indivíduos, 20,0% da população residente) e motivo “Profissional ou de negócios” (483 mil indivíduos, 4,6% da população residente).

Uma análise por género deixa perceber que dos turistas residentes que viajaram em 2014, 52,2% eram do sexo feminino, valor muito próximo do peso total da população residente (52,6%). Considerando os principais motivos para viajar, verifica-se que a repartição por género é bastante aproximada. Exceptuam-se as deslocações por motivos “Profissionais ou de negócios”, onde o sexo masculino foi maioritário como

turista (61,1% do total) e as deslocações por motivação religiosa, onde predominaram as turistas do sexo feminino (65,0% do total).

No que respeita à distribuição por idade, dos turistas que viajaram por “Lazer, recreio ou férias”, 62,3% tinham menos de 45 anos, sendo que a estrutura etária dos turistas motivados por “Visita a familiares ou amigos” constitui a que mais se assemelha à da população residente. Relativamente aos turistas que viajaram por razões “Profissionais ou de negócios”, 42,8% situavam-se entre os “25 e 44 anos”, destacando-se este escalão face ao peso na população total (27,3%). Considerando os indivíduos com “65 ou + anos” (20,7% da população residente), verificou-se que estes predominaram como turistas em todos os outros motivos registados, especialmente “Saúde” (40,9%), outros não discriminados (41,3%) e “Religião” (31,3%).

Olhando agora ao conjunto de viagens turísticas, ao longo de 2014 foram realizadas 17,9 milhões de viagens turísticas pelos residentes em Portugal, valor muito semelhante (+0,2%) ao registado em 2013. O principal motivo que despoletou a realização de viagens em 2014 foi a “Visita a familiares ou amigos”, as quais atingiram 8,2 milhões (46,0% do total). O segundo principal motivo para viajar foi “Lazer, recreio ou férias”, que gerou cerca de 7,3 milhões de viagens, 40,6% do total. Note-se que apesar deste motivo ter sido predominante como gerador de turistas, foi contudo de menor relevância em termos de número de viagens dada a menor frequência de deslocações, por este motivo, para cada turista. As viagens “Profissionais ou de negócios” (1,5 milhões) representaram 8,7% do total. Os outros motivos foram claramente menos expressivos; no entanto, as deslocações por religião ou peregrinação ainda somaram cerca de 235,7 milhares (3,1% do total) e as deslocações por razões de “Saúde” cerca de 60 mil (0,3%).

Quanto ao destino, as viagens turísticas em Portugal totalizaram 16,3 milhões e representaram 90,9% do total. Já as viagens para destinos no estrangeiro somaram 1,6 milhões de viagens, o que representa um aumento de 9,3% face ao ano anterior. As deslocações turísticas para o estrangeiro deveram-se principalmente a razões “Profissionais ou de negócios” (28,5%), enquanto as deslocações por “Lazer, recreio ou férias” concentraram menos de metade (10,8% do total das viagens) e as deslocações para “Visita a familiares ou amigos” apenas 4,5%.

No que respeita à distribuição das viagens ao longo do ano, Agosto foi o mês em que se iniciaram mais viagens turísticas: 2,8 milhões (15,7% do total). Os outros meses mais relevantes em termos de deslocações foram Julho e Dezembro, durante os quais se iniciaram 10,9% e 10,6% das deslocações realizadas em 2014. No 3.º trimestre de 2014, entre os meses de Julho, Agosto e Setembro, concentraram-se 49,0% das viagens motivadas por “Lazer, recreio ou férias”. Já as viagens para “Visita a familiares ou amigos” evidenciaram uma distribuição mensal mais homogénea destacando-se, ainda assim, os meses de Dezembro (14,9%) e ainda Abril (mês da Páscoa) e Agosto, cada qual com 9,6% das deslocações por este motivo.

O “automóvel privado” foi o principal meio de transporte das viagens turísticas efectuadas em 2014, representando 87,3% das viagens realizadas em Portugal. Nas deslocações turísticas para o estrangeiro foi o transporte aéreo que predominou, concentrando 67,6% destas viagens. No que respeita à organização das viagens, 72,1% das deslocações foram efectuadas sem qualquer marcação antecipada de serviços associados à mesma, como o transporte, o alojamento ou a alimentação. O recurso a marcação antecipada directamente junto do prestador final destes serviços, sem recurso a uma agência de viagens ou operador turístico, foi efectuada em 22,3% do total de viagens. A utilização de agências de viagens ou operadores turísticos na organização das viagens foi a opção em 5,6% das deslocações turísticas realizadas. Nas deslocações em Portugal esta opção aplicou-se a 2,8% destas viagens, enquanto nas deslocações para o estrangeiro a sua escolha ascendeu a 33,5%. Essa diferenciação foi igualmente visível nos motivos para viajar: o recurso a operadores turísticos foi mais evidente nas viagens “Profissionais ou de negócios” (16,0% do total), do que nas deslocações de “Lazer, recreio ou férias” (8,6%); nas viagens para “Visita a familiares ou amigos” o recurso a operadores foi muito reduzido (1,1%).

As viagens dos residentes com maior duração foram as viagens dedicadas a “Visitas a familiares ou amigos” no estrangeiro, com 12,0 noites em média por deslocação. Em contraste, as menos prolongadas foram as viagens domésticas pelo mesmo motivo (duração média de 2,7 noites). As viagens por “Lazer, recreio ou férias” tiveram uma duração média de 5,4 noites. Considerando as deslocações deste motivo destinadas para o estrangeiro, apurou-se uma duração média de 6,2 noites, face a 5,3 noites no caso das deslocações domésticas pelo mesmo motivo. As deslocações “Profissionais ou de negócios” apresentaram durações médias de 3,9 noites para o total, 6,1 noites para o estrangeiro e 3,0 noites nas destinadas em Portugal.

O número de dormidas decorrentes das viagens turísticas dos residentes em 2014 totalizou 74,8 milhões. Essas dormidas distribuíram-se por 62,1 milhões em Portugal e 12,7 milhões no estrangeiro. A região que concentrou um maior número de dormidas foi o Algarve, que somou 15,9 milhões de dormidas, 25,6% do total. A região Centro apresentou valores muito aproximados: 15,8 milhões de dormidas e 25,5% do total. As Regiões Autónomas permaneceram distanciadas das regiões do Continente, com 1,9% nos Açores e 1,6% na Madeira, pesos ainda assim superiores aos registados em 2013: 1,7% e 1,2%, respectivamente.

O “Alojamento fornecido gratuitamente por familiares ou amigos” foi o mais procurado pelos residentes em 2014, atingindo 36,4 milhões de dormidas, 48,7% do total. Esta preferência foi evidente tanto nas deslocações em Portugal (49,9%) como nas viagens ao estrangeiro (42,8%). Nas deslocações para “Visita a familiares ou amigos”, a preponderância do “Alojamento fornecido gratuitamente por familiares ou amigos” foi ainda mais notória (85,3% do total), sendo que nas deslocações domésticas este peso se situou em 84,8% e nas deslocações para o estrangeiro em 87,4%.

Os “Estabelecimentos hoteleiros e similares” foram o meio de alojamento utilizado em 22,3% das dormidas turísticas dos residentes. Essa preferência foi mais evidente nas dormidas das deslocações para o estrangeiro onde representou 45,4% do total. Nas deslocações domésticas apenas reuniu 17,6% das dormidas. As “Segundas residências” concentraram 19,2% do total das dormidas em 2014, com maior evidência nas deslocações domésticas (22,3%) que nas viagens para o estrangeiro (4,5%). Nas viagens por motivo “Lazer, recreio ou férias”, e no que respeita a destinos no estrangeiro, destaca-se o peso expressivo dos “Estabelecimentos hoteleiros e similares” (75,2% das dormidas). Nas dormidas em deslocações domésticas por este motivo, o “Alojamento fornecido gratuitamente por familiares ou amigos” e as “Segundas residências” registaram pesos semelhantes, 30,4% e 29,9% do total, respectivamente.

A despesa média das viagens dos residentes em 2014 cifrou-se em 106,12 €, valor muito semelhante ao de 2013 (106,30 €), o que atenuou a trajectória decrescente registada nos anos precedentes. Nas deslocações em Portugal os turistas gastaram em média por viagem 79,44 €. Nas viagens para o estrangeiro a despesa média registada foi 372,63€. Nas viagens de “Lazer, recreio ou férias” registou-se uma despesa média de 159,07 €, enquanto nas viagens para “Visita a familiares ou amigos” este valor foi 58,90 € e nas deslocações “Profissionais ou de negócios” 115,83 €. Em 2014 cada turista residente gastou em média por dia 33,90 €, equivalendo esse valor a 26,30€ nas viagens domésticas e a 71,04€ nas deslocações para o estrangeiro.

Note-se que a estas viagens podemos ainda somar os excursionistas. Estas deslocações caracterizam-se igualmente por um destino fora do ambiente habitual mas diferenciam-se pelo facto de o regresso à residência ocorrer no mesmo dia de partida, não havendo assim qualquer dormida associada. Em 2014, cerca de 6,8 milhões de residentes efectuaram pelo menos uma viagem de excursionismo, repartindo-se por 6,0 milhões que apenas efectuaram “viagens pessoais”, 124,9 mil que realizaram unicamente “viagens profissionais” e 586,8 mil efectuaram pelo menos uma deslocação pessoal e ainda uma deslocação profissional. Foi mais a população feminina (67,4%) que a masculina (62,2%) que efectuou viagens de excursionismo e também idosa: no escalão etário mais elevado (65 ou mais anos), 69,6% da população realizou pelo menos uma deslocação de excursionismo. Dos excursionistas com “viagens pessoais”, o sexo feminino predominou com 55,4% do total e o inverso ocorreu nas deslocações de excursionismo profissionais, onde 61,6% foram concretizadas por residentes do sexo masculino.

Outros olhares: mobilidades, materialidades e sentidos do VFR

A deslocação no espaço físico que a viagem para visitar amigos e familiares implica está envolta numa complexa trama de materialidades e sentidos que importa desocultar em perspectiva sociológica. Com base em investigação anterior da autora (Costa, 2011), lancemos agora outros olhares sobre este fenómeno, nomeadamente os que iluminam os vários protagonistas, materialidades e significados atribuídos às mobilidades. Em concreto, detemo-nos sobre as férias de Verão e a época de Natal, aqui perspectivados como rituais familiares. O estudo maior de onde estas conclusões foram extraídas reporta-se a 2011 e foi desenvolvido junto de indivíduos de classe média (homens e mulheres), a viver em contextos familiares diversificados e com pelo menos um filho entre os 3 e os 14 anos de idade.

Na leitura sociológica das férias em família e do Natal como rituais familiares privilegia-se o modo como estes momentos considerados especiais servem os propósitos de construção social da família (Etzioni & Bloom, 2004). Na delimitação de fronteiras, na definição e atribuição de papéis e ainda na criação e afirmação de uma representação e sentido sobre si próprias e a sua existência, não apenas operam ao nível da definição de valores de proximidade e pertença (para dentro, portanto), como também abrem lugar à inclusão de outros membros da família alargada ou do grupo de pares, e implicam, por vezes, deslocações no espaço e mobilidades físicas, geográficas mas também imagéticas entre famílias do presente e do passado, reais e imaginadas.

Férias em família: sonho, desejo e consumo

Porque as dinâmicas quotidianas relacionadas com a inunção da rotinização das tarefas ou a co-presença da família alargada obstaculizam a que a casa seja efectivamente o espaço desejado e idealizado de fruição do tempo em família, os indivíduos projectam para outros locais, física e temporalmente afastados, a possibilidade de serem por um momento, por um mês ou quinze dias a família que não são no dia-a-dia. Referimo-nos, em concreto, à idealização em torno das férias em família onde, metaforicamente, os quilómetros percorridos significam justamente essa atracção-repulsão para a família e da família. As férias com filhos pequenos são um exemplo paradigmático de oposição e suspensão do quotidiano em família. Por um lado, porque são a negação dos ritmos do dia-a-dia. A ausência de horários significa que as famílias se podem organizar sem o constrangimento de tempos exteriores que é necessário respeitar, sejam as horas do jardim-de-infância, da escola ou da entrada no emprego dos adultos. Por outro lado, o afastamento físico e a libertação psicológica relativamente ao quotidiano e ao mundo do trabalho contribuem sobremaneira para um discurso idealizado em torno de uma oportunidade acrescida de fruição absoluta e incondicional para pais e filhos estarem juntos. Aí os pais podem ser incondicionalmente pais, isto é, a tempo inteiro, e com os filhos fazerem o que mais gostam ou o que lhes dá mais prazer. O carácter excepcional das férias em família radica, assim, numa possibilidade temporária, quase efémera, de ser a família que o dia-a-dia não permite (Bryman, 2004; Corsaro, 2005).

O dia-a-dia como que impele as famílias à fuga delas próprias. Porém, demasiado “presas a si mesmas” por força das condições sociais de pertença e de existência, as famílias rapidamente encontram na evasão as famílias que, afinal, transportam consigo. Ao utilizar as férias como um escape da família, os indivíduos acabam por encontrá-la na medida exacta da excepcionalidade relativamente ao quotidiano por que anseiam. Qual *jet lag* familiar, as adaptações que daí resultam ajudam, elas próprias, a simultaneamente reforçar e compreender a sua condição.

Ao centrarem as férias nas crianças, procurando que sejam activas, estimulantes e recreativas, os adultos acusam frequentemente o cansaço associado às rotinas da diversão que lhes são exigidas por parte das crianças, ou a uma certa monotonia derivada da inscrição mais ou menos prolongada num determinado local. Nos casos em que as crianças são muito pequenas, os pais podem mesmo sentir em período de férias uma sobrecarga de trabalho e o peso da rotina que não sentem durante o ano, pela simples razão de que estão nessa altura mais tempo com os filhos do que é usual ou porque, deixados a si próprios, não contam com a ajuda informal dos avós a que habitualmente recorrem. É frequente também a denúncia de tensões, atritos ou

pequenos conflitos que surgem da co-presença em férias e que não são especialmente diferentes do que acontece no resto do ano ou nos momentos em que pais e filhos passam mais tempo juntos. A presença das crianças obriga, assim, a não separar suficientemente o tempo das férias do resto do ano, antes prolongá-lo. Indirectamente, é responsável pelo sonho de uma nova evasão que a pouco e pouco assola esses pais: a de férias sem as crianças, onde o casal possa ser casal e não apenas pai e mãe. Esta constatação é tanto mais visível quanto está associada a um determinado tipo de férias em que se confrontam no terreno expectativas contraditórias de adultos que procuram o descanso e crianças que visam a diversão.

No regresso pós-férias, as mulheres, sobretudo elas, sentem o *jet lag* da injunção às rotinas domésticas de cuja libertação gozaram anteriormente. A eficácia anual da rotina assenta numa atribuição pré-definida de papéis que permite o cumprimento de tarefas e o respeito por horários rígidos, quase sempre com um peso maior para as mulheres que para os homens. Na ausência de tais ritmos, a articulação entre o “direito a férias” para ambos os membros do casal e a realização de tarefas que se impõem imprime como que uma injunção à partilha, ou a uma maior partilha, mesmo que ela não exista durante o ano. A questão de “quem faz o quê” resolve-se por vezes com recurso a uma relativa inversão de papéis que as férias, enquanto tempo “especial” permitem. Esta inversão, referida pelas mulheres e assumida pelos homens, vive justamente da condição efémera que as férias representam no calendário anual das famílias: uma situação de excepção. É nessa circunstância que as tarefas, ou parte delas, podem ser assumidas por quem usualmente não o faz, isto é, o homem. Noutros casos, não há uma verdadeira maior participação do homem, antes a “compra” da igualdade mediante a aquisição de bens ou serviços. O recurso à restauração ou a refeições pré-cozinhadas evita em férias a confrontação do casal com uma repartição desigual das tarefas, que de outra forma assumiria contornos de visibilidade. Mais uma vez, o quotidiano não se altera, apenas se suspende, permitindo a sensação de “descanso” que sobretudo as mulheres experienciam. O investimento, a poupança e o esforço canalizado para umas férias totalmente pagas e onde “não é necessário fazer nada” é uma das estratégias pelas quais se consegue a suspensão das diferenças de género no que à repartição das tarefas em férias diz respeito. A contrapartida é que as férias totalmente pagas são geralmente caras. A opção por “poucos mas bons dias” é assim a regra que apenas vem confirmar a excepcionalidade das situações descritas.

Natal: reunião, fruição e exclusão

A celebração do Natal impõe-se na sociedade ocidental com a força coerciva dos factos sociais. É “impensável” não celebrar o Natal, fazê-lo em lugares “comerciais”, “impessoais”, ou “longe da família”. Ao invés, o Natal corporiza a ideia de uma família: presente, passada e, em alguns casos, idealizada. O Natal é a ocasião em que “a família se reúne” e se reúne “em festa”. Na descrição dos seus Natais, os indivíduos tendem a reforçar a representação em torno de um “momento de reunião familiar” por excelência, “a festa nobre da família”, um tempo de “convívio” onde “todos, pais, filhos e netos” se juntam em alegria. Além da exaltação do momento, adjectivos como “normal” e “tradicional” ajudam a construir a imagem de um Natal apesar de tudo “banal” porque “igual a todos os outros” e “sem grande diferença dos demais”.

A perspectiva *emic* colocada sobre um Natal universal contrasta, porém, com a perspectiva *etic* de alguns particularismos. Desde logo, no que à amplitude da reunião familiar diz respeito. Ser “a festa da família” significa, antes de mais, juntar “a família toda”. À medida que se tenta apurar quem compõe “toda” a família que se reúne pelo Natal percebe-se que, afinal, é apenas e geralmente “meia-família”. A alternância dos locais de celebração entre “a família de um lado” e “a família do outro lado”, faz com que esta ideia de reunião absoluta seja mais ideal que real. E, paradoxalmente, esta constatação é tanto mais verdadeira quanto mais numerosa é a família, uma vez que mais difícil se torna a probabilidade de uma “reunião a 100%”. Apesar desta constatação, a contra-representação em torno do Natal por parte de quem tem uma família pequena reforça a “vantagem”, a “sorte” e o “privilegio” que é ter uma “família grande”, que se reúne em torno de uma “mesa grande”, “com muita gente” e “muita confusão”. Este discurso é especialmente vincado pelos filhos-únicos.

Enquanto “festa da família”, o Natal constitui-se como um momento de institucionalização da mudança, seja pela inclusão de novos membros (“importados” através do namoro, casamento ou reconstrução familiar), seja pela exclusão ou perda de outros (por força de separações, divórcios e mortes). É também por esta razão que muitos indivíduos recordam alguns Natais como “diferentes”: “o primeiro” depois do nascimento dos filhos, após o casamento, ou “o último” antes do divórcio. O Natal funciona, assim, como um mecanismo de aferição onde anualmente se refazem as fronteiras da família (Coltrane, 1998), seja pela entrada de novos membros, seja pela saída de outros.

O Natal também “é trabalho”, “implica trabalho” e “excesso de trabalho”, como denota o indicativo dos verbos escolhidos para o descrever. Antes é o “pensar”, “organizar”, “preparar”, “desarrumar”, “cozinhar”, e no final o “lavar”, “guardar” e “arrumar”. A tomada de consciência sobre o trabalho doméstico envolvido nesta ocasião é tanto maior quanto os indivíduos são os anfitriões da festa. Nos casos em que são convidados, isto é, quando se deslocam para casa de pais, sogros ou outros familiares, os discursos em torno do trabalho envolvido tendem a ser minorizados, ou mesmo ignorados. Mas para os anfitriões, isto é, para quem “dá a casa”, fica sempre “o grosso do trabalho”. E mesmo nos casos em que usualmente os indivíduos contam com ajuda às tarefas domésticas, a sobrecarga do trabalho envolvido é referida.

Todavia, o trabalho envolvido na preparação da noite de Natal surge desvalorizado ante a afirmação da importância da “reunião”, da “partilha”, “do convívio” e “união” entre as pessoas, enfatizando-se, simultaneamente, as características do Natal enquanto espaço e tempo “especial”. Há neste aspecto uma visão porventura demasiado normativa que permeia o discurso dos indivíduos, de acordo com a qual se tende a desvalorizar o trabalho – acrescido – que a preparação da recepção de pessoas em casa sempre envolve. Uma análise mais cuidada dos modos de participação deixa perceber como divisão não significa repartição igualitária de tarefas. Também na antecipação, organização e pós-Natal persistem as divisões de género. Às mulheres mais frequentemente cabem as tarefas de decorar a casa, decidir sobre os pratos a fazer e cozinhar; enquanto os homens encarregam-se das tarefas mais instrumentais como as compras, a escolha do vinho, o pôr a mesa ou as desarrumações no espaço doméstico que há a fazer para acolher a festa.

Se a alternância e a rotatividade entre os locais de celebração do Natal é a característica que mais rapidamente ajuda a desconstruir a imagem aparentemente estável e idealizada em torno da ceia familiar (Caplow, 1982), muitas vezes é também perceptível uma certa tensão latente gerada pelos excessos alimentares, como também pelos temas abordados ou eventualmente interditos (e.g. a política, o futebol, segredos e traumas, etc.). E de tal forma alguns temas parecem geradores de atritos que se opta, frequente e deliberadamente, por evitar tocar nesses assuntos “tabu”. No discurso, uma certa “sacralização” do Natal enquanto festa familiar inibe os indivíduos de aprofundar o que consideram ser aspectos de “menor importância”, “irrelevantes” ou até mesmo “naturais”. Na prática, este facto é visível pelas estratégias de evitamento e desvalorização do que pode constituir o lado menos cor-de-rosa do Natal.

Considerações finais

Em 2014, os principais motivos que levaram os portugueses a viajar foram o lazer, recreio ou férias e, em segundo lugar, a visita a familiares ou amigos. Note-se que apesar de este motivo ter sido predominante como gerador de turistas, foi contudo de menor relevância em termos de número de viagens dada a menor frequência de deslocações, por este motivo, para cada turista. Efectivamente, quando olhamos ao conjunto de viagens turísticas, o principal motivo que despoletou a realização de viagens em 2014 foi justamente a visita a familiares ou amigos, as quais atingiram 8,2 milhões (46,0% do total). Realizadas sobretudo em Portugal (apenas 4,5% dizem respeito a deslocações para o estrangeiro), as viagens para “visita a familiares ou amigos” evidenciam uma distribuição mensal bastante homogénea destacando-se, ainda assim, os meses de Dezembro, Abril e Agosto. No 170.º aniversário sobre a publicação de “*Viagens na Minha Terra*” (1846), de Almeida Garrett, a constatação desta realidade inspirou à compreensão mais aprofundada da experiência por

detrás da visita a familiares e amigos, de que precisamente as férias de Verão e a época de Natal constituem os espaços-tempo icónicos.

No cruzamento entre os estudos da família, do turismo e do lazer, este texto ensaiou uma aproximação sociológica às mobilidades suscitadas pelas férias em família e celebração do Natal, seus protagonistas, materialidades e sentidos. Como na obra de Garrett, interessa-nos mais o estilo digressivo das mobilidades reais e imaginadas que a narração novelesca de casos individuais. Com base em investigação anterior sobre os rituais familiares enfatizaram-se tensões e contradições frequentemente ocultas em ocasiões construídas e impostas culturalmente como estáveis e idealizadas; ao mesmo que se estabeleceram relações com dimensões tradicionalmente menos associadas: o género, o consumo, a divisão do trabalho ou o lugar da criança na família. Matéria mais que suficiente, portanto, para continuar e aprofundar o estudo sobre as viagens na minha [nossa] terra.

Referências

- Bryman, A. (2004). *The Disneyization of Society*. London: Sage Publications.
- Caplow, T. (1982). Christmas Gifts and Kin Networks. *American Sociological Review*, 47(3), 383-392.
- Coltrane, S. (1998). *Gender and Families*. London: Pine Forge Press.
- Corsaro, W. (2005). *The sociology of childhood*. Thousand Oaks: Pine Forge Press.
- Costa, R. P. (2011). *Pequenos e Grandes Dias. Os Rituais na Construção da Família Contemporânea*, tese de Doutoramento em Ciências Sociais, área de especialização: Sociologia Geral, Lisboa, ICS-UL, Portugal. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/4770>
- Etzioni, A., & Bloom, J. (Ed.). (2004). *We Are What We Celebrate – Understanding Holidays and Rituals*. New York: New York University Press.
- INE (2015). *Estatísticas do Turismo 2014*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I.P.
- Jackson, R. (1990). VFR Tourism: Is It Underestimated? *The Journal of Tourism Studies*, 1(2), 10-17.
- Janta, H., Cohen, S., & Williams, A. M. (2015). Rethinking Visiting Friends and Relatives Mobilities. *Population, Space and Place*, 21(7), 585–598.
- Schänzel, H., & Yeoman, I. (2015). Trends in family tourism. *Journal of Tourism Futures*, 1(2), 141-147.
- Seaton, A., & Palmer, C. (1997). Understanding VFR Tourism behaviour: the first five years of the United Kingdom tourism survey. *Tourism Management*, 18(6), 345-355.

¹ De acordo com o INE (2015), o motivo principal da viagem turística é o motivo que sustenta a necessidade da realização da viagem, ou seja, na ausência do qual a viagem não se teria realizado. A tipologia de motivos é variada e inclui: lazer, recreio ou férias (repouso, gastronomia, compras, desporto como espectador e prática de desporto, educação, encontros não profissionais, cultura e entretenimento como espectador, artes, hobbies e jogos. entre outros motivos não profissionais); profissional ou negócios (reuniões, convenções, seminários, conferências, congressos, feiras e exposições, missões, viagens de incentivo, vendas, marketing e outros serviços, pesquisa, ensino, consultoria, cursos de idiomas, educação, investigação, fins artísticos, culturais, religiosos e desportivos); visita a familiares ou amigos (participação em funerais, casamentos, aniversários e outros eventos familiares e de convívio); saúde, por iniciativa voluntária (tratamentos e cuidados de saúde em estâncias termais, balneares, lares de convalescença e outros tratamentos e curas); religioso (participação em eventos religiosos, entre os quais peregrinações); outros motivos.” (INE, 2015, p. 159).

² A secção 3 das *Estatísticas do Turismo 2014* é dedicada à procura turística dos residentes e tem no Inquérito às Deslocações dos Residentes (IDR) a principal fonte de informação. Este inquérito é uma operação estatística com recolha de dados através de entrevistas telefónicas a residentes em Portugal, com base numa amostra de alojamentos

não colectivos (residências principais). Este inquérito permite obter informação variada sobre as deslocações efectuadas para fora do ambiente habitual, incluindo actividades de excursionismo, isto é, as que implicam uma deslocação sem dormida. Os dados disponíveis permitem caracterizar a população que efectuou viagens turísticas no último ano, independentemente do número de deslocações efectuadas. Para efeitos da análise apresentada não foram consideradas deslocações na localidade de residência ou para o local de trabalho ou estudo.